



ESCLEROSE MÚLTIPLA NO BRASIL: PANORAMA ÉTNICO-RACIAL EM 12 ANOS

JOABE VASCONCELOS SILVA; GABRIELLE GUINDANI MAIA; MARIA FERNANDA PERUCI FELIPPE; VIVIANE MULLER

Introdução: A Esclerose Múltipla (EM) é uma doença autoimune crônica caracterizada por sintomas debilitantes de gravidade variável. Apesar das evidências sobre diferenças mundiais na prevalência e progressão da EM entre grupos étnico-raciais, pouco se sabe sobre essas variações no Brasil. Considerando a diversidade racial e as desigualdades no acesso à saúde no país, entender o perfil epidemiológico e as tendências de mortalidade da EM com foco na distribuição racial é crucial. **Objetivo:** Analisar prevalência, perfil epidemiológico e tendências da mortalidade por EM entre 2010 e 2022, com ênfase na distribuição étnico-racial. **Metodologia:** Estudo transversal, descritivo, retrospectivo e quantitativo com análise de dados secundários do Painel de Monitoramento da Mortalidade CID-10 (DATASUS). Foram analisadas as diferenças étnicas e raciais na mortalidade por EM (G35) entre os anos de 2010 e 2022. **Resultados:** No Brasil, a mortalidade por EM não teve grande variação entre 2010, com 0,17 óbitos por 100.000 habitantes, e 2022, com 0,16. Entretanto, é constatada alta discrepância entre a mortalidade de diferentes raças, sobretudo brancos e pretos e pardos (PP). Assim, 67,2% das mortes por EM em 2010 e 63,6% em 2022 ocorreram em pessoas brancas. Em comparação, o aumento percentual das mortes em pretos e pardos foi de 159,3% e 134%, respectivamente. Contudo, apesar do predomínio racial branco em relação à EM, a incidência da doença cresceu 6,1% na população PP no período, enquanto, na população branca, reduziu 3,8%. **Conclusão:** Embora a população branca ainda tenha a maior taxa de mortalidade por EM, há um crescimento significativo na incidência da doença na população PP, no Brasil. Esse aumento, aliado ao menor acesso a cuidados especializados, revela uma lacuna no sistema de saúde, que pode estar contribuindo para a disparidade nas taxas de mortalidade. Apesar da predominância entre brancos, a vulnerabilidade crescente das populações PP exige estratégias mais eficazes de diagnóstico e tratamento. Portanto, é crucial um esforço para reduzir essas desigualdades e garantir acesso equitativo a cuidados de qualidade para todos os pacientes com EM, independentemente da etnia.

Palavras-chave: **AUTOIMUNE; MORTALIDADE; RAÇA; DESIGUALDADE; EPIDEMIOLOGIA**